

Deponente: Maria Luisa da Silva Krenak.

Entrevistadores: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 23 de março de 2017.

ENTREVISTADOR: A senhora pode começar falando o nome completo da senhora?

MARIA LUISA: O meu?

ENTREVISTADOR: Isso.

INTERLOCUTOR: Doutor da licença...

ENTREVISTADOR: Posso.

INTERLOCUTOR: Enquanto vocês conversam, eu vou pedir a ela, a comadre, que acompanhe vocês depois lá no Zezão...

INTERLOCUTOR: Tá jóia.

INTERLOCUTOR: Nós... Eu vou acompanhar ele pra trazer a marmiteira de vocês.

INTERLOCUTOR: Tá. Tá certo.

INTERLOCUTOR: Tá bom? Pra que eles não saiam daqui.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Tá bom?

INTERLOCUTOR: Tá certo.

INTERLOCUTOR: Aí cê leva lá no Zezão, ele quer ver os restos da... Da... Da...

INTERLOCUTOR: Das meninas.

INTERLOCUTOR: Do presídio.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Daqui é só no Zezão.

INTERLOCUTOR: Hum.

INTERLOCUTOR: Tá bom?

INTERLOCUTOR: Tá certo.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Tá bom.

INTERLOCUTOR: E se vocês terminarem antes...

INTERLOCUTOR: A gente espera lá.

INTERLOCUTOR: A gente espera.

INTERLOCUTOR: Vocês espera lá debaixo daquela mangueira lá...

INTERLOCUTOR: Não, tá sim.

INTERLOCUTOR: Onde nós passamos por dentro.

INTERLOCUTOR: Tá, hum, hum.

INTERLOCUTOR: Me esperem ali.

INTERLOCUTOR: Tá.

INTERLOCUTOR: Tá bom.

INTERLOCUTOR: Tá certo.

INTERLOCUTOR: E eu vou lá com ele.

INTERLOCUTOR: Tá jóia, obrigada.

INTERLOCUTOR: Tá bom?

INTERLOCUTOR: Tá bom.

ENTREVISTADOR: Qual é que é o nome da senhora?

MARIA LUISA: Maria Luisa da Silva.

ENTREVISTADOR: Maria Luisa da Silva.

MARIA LUISA: É.

ENTREVISTADOR: E a senhora nasceu aqui?

INTERLOCUTOR: Vai ensinar... Vai ensinar ele o caminho né?

MARIA LUISA: Nasci em Maxacalis.

INTERLOCUTOR: Vou.

ENTREVISTADOR: Maxacalis?

MARIA LUISA: É. Que minha mãe saiu daqui, a vez que eles tiraro o povo daqui, minha mãe foi pra lá, lá casô com meu pai lá, meu pai é Maxacalis...

ENTREVISTADOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: E minha mãe é daqui.

ENTREVISTADOR: Ah sim.

MARIA LUISA: Aí depois retornemo pra cá, eu já vim grande já pra cá.

ENTREVISTADOR: A senhora veio pra cá em que ano?

MARIA LUISA: Eu vim em 83, de lá Maxacalis nós foi pra Guarani, de Guarani nós retornemo pra cá.

INTERLOCUTOR: Hum.

INTERLOCUTOR: Ah sim.

MARIA LUISA: Lá ondê que tem os Pataxó agora, num tem?

INTERLOCUTOR: Isso.

MARIA LUISA: Nós moremo lá muitos ano.

INTERLOCUTOR: hum, hum.

INTERLOCUTOR: E por que que a senhora saiu de Maxacalis e foi pra Fazenda Guarani?

MARIA LUISA: É que meu padrasto era pedreiro da FUNAI, ele era índio Funiô, já faleceu também, aí eles transferiu eles e nós teve que ir.

INTERLOCUTOR: Ah tá. Hum, hum.

MARIA LUISA: E nós foi pra lá, e de lá minha mãe quis retornar pra cá, então vamo, tava separada do meu padrasto e nós vei embora.

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: E tamo aqui até hoje.

INTERLOCUTOR: E a senhora lembra assim, desse momento lá da vida na Fazenda Guarani?

MARIA LUISA: Lembro, vida difícil...

INTERLOCUTOR: É.

MARIA LUISA: Isso. E nós já rodemo esse mundo aí, eu mais minha mãe tadinha, Deus dá bom lugá, ó nós foi pro Guarani, do Guarani nós foi pra Paraíba, Paraíba nós foi pra Pernambuco, Pernambuco nós voltemo pra Guarani de novo, Guarani nós vei cá.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: hum, hum.

MARIA LUISA: E tamo aqui, ela faleceu aqui, e eu tô aqui até hoje, criei meus fio tudo aqui.

INTERLOCUTOR: E na época que a senhora chegou na fazenda, havia índios de qual etnia?

MARIA LUISA: Na onde?

INTERLOCUTOR: Lá na Fazenda Guarani?

MARIA LUISA: Pataxó.

INTERLOCUTOR: Pataxó. E tinha de outro lugar também?

MARIA LUISA: Não.

INTERLOCUTOR: Só Pataxó?

MARIA LUISA: Só Pataxó, depois chegou os Guarani.

INTERLOCUTOR: Ah tá.

MARIA LUISA: Mais tinha branco lá tamém né, depois saíram, ficou o Pataxó, o Guarani e o Krenak.

INTERLOCUTOR: Sim. E na época que a senhora ficou lá, quem que era o funcionário que cuidava dos índios assim, que... Tinha algum responsável pelos índios da FUNAI ou da Polícia, alguém?

MARIA LUISA: Tinha aquelas polícia indígena, eu num sei o nome não, mas o delegado da FUNAI chamava Tatuitim.

INTERLOCUTOR: Tatuitim?

MARIA LUISA: É. E o chefe do posto chamava Vicente.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Ah Vicente.

MARIA LUISA: Depois saiu o Vicente, aí entrou o Lião, morreu também já. Não deixava a gente saí.

INTERLOCUTOR: Lá da Fazenda Guarani?

MARIA LUISA: hum, hum.

INTERLOCUTOR: Hum, hum. E tinha gente presa, ainda lá essa época?

MARIA LUISA: Tinha.

INTERLOCUTOR: É?

MARIA LUISA: Tinha bastante.

INTERLOCUTOR: Preso de... De... Era índio de onde?

MARIA LUISA: De tudo quanto é lugar, no entanto que o Manelão ali ó, Manelão era preso lá de Pernambuco, Bibiano faleceu era de lado diferente...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Tinha um tanto de índio, de tudo quanto é lugar.

INTERLOCUTOR: Hum, hum. Mas, a senhora fala aqui ou lá na Fazenda Guarani?

MARIA LUISA: Fazenda Guarani, mas, aqui também ficô.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Aqui ondê que é ali o prédio... Era o presídio véio?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: É ali, quês ficava preso ali.

INTERLOCUTOR: Sim.

INTERLOCUTOR: Sim.

INTERLOCUTOR: E quando a senhora foi lá pra Fazenda Guarani, a senhora lembra mais ou menos, que idade que tinha, se já era adulta, se era criança?

MARIA LUISA: Eu?

INTERLOCUTOR: É.

MARIA LUISA: Eu tinha quatro ano.

INTERLOCUTOR: Ah era criança mesmo né, quando foi lá.

MARIA LUISA: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Na Fazenda Guarani?

MARIA LUISA: hum, hum, eu tinha quatro ano.

INTERLOCUTOR: Hum, hum. E na fazenda né, a senhora falou que o padraço trabalhava né?

MARIA LUISA: Era estacionado da FUNAI.

INTERLOCUTOR: E a mãe assim, como que era esse dia a dia assim, de...

MARIA LUISA: Com a minha mãe?

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

MARIA LUISA: Nossa! Era bão demais.

INTERLOCUTOR: Era?

MARIA LUISA: Tadinha.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Deus levô. Né, nós tão aqui té hoje sofreno aí.

INTERLOCUTOR: É. Mas, quando vocês voltaram pra cá, como é que foi o retorno assim?

MARIA LUISA: Eu vim mais minha mãe, eu tava grávida da minha filha mais velha, a Janaína... Cês passou na casa dela, o cumpade falô que ocês passou lá.

INTERLOCUTOR: Aham.

INTERLOCUTOR: Sim, aham.

MARIA LUISA: Oitenta e três nós viemo embora pra cá, nós moremo ali na casa junta com a cumade Laurita...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: (trecho incompreensível). Num tinha casa pra nós, nós tinha que vim bora...

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Os Pataxó tava mandano nós sai de lá, nós veio bora.

INTERLOCUTOR: Os Pataxó mandava vim embora?

MARIA LUISA: Mandava, falô que num era nosso lugá.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Aí nós veio embora... aí peguei... aí rumô... quando Laurita arrumô uma casinha ali pra nós, combinho pra nós, pra nós fica, nós ficava lá né, é, nós trabaiaava a dia pros outro aí, até ganhar a minha minina, depois arrumei um pretendente aí, me juntei com ele, um índio, o finado Augusto...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Irmão do nêgo, do José Alfredo.

INTERLOCUTOR: Ah irmão, aham.

MARIA LUISA: Aí nós ficou, tamo aí até hoje.

INTERLOCUTOR: Aham. E essa volta pra cá, a senhora falou que tava... Trabalhou pra ganhar a dia, quem que tava aqui, ainda tinha fazendeiro na terra?

MARIA LUISA: Tinha.

INTERLOCUTOR: É?

MARIA LUISA: Tinha e muito.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Nós ficava num pedacinho ali ó, um pedacinho pra cá assim, pra cá num podia passá, tinha um pedacinho de terra só.

INTERLOCUTOR: Hum.

MARIA LUISA: Numa casa tinha que morar duas, três família.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: E eles tudo lá mandava, se a gente passasse pra lá eles brigava com a gente.

INTERLOCUTOR: Hum.

MARIA LUISA: Aí foi indo, até que eles, tirô eles, aí deu de espaço pra gente.

INTERLOCUTOR: Aham.

INTERLOCUTOR: Deixa eu perguntar uma coisa pra senhora, na época da Fazenda Guarani, como que esses policia que a senhora falou que tiveram... Teve polícia lá também, ou era só...

MARIA LUISA: Policial indígena.

INTERLOCUTOR: Policial indígena?

MARIA LUISA: É.

INTERLOCUTOR: Pois é, como que era o tratamento desses policiais indígenas, com os índios que tavam lá?

MARIA LUISA: É pra eles vigiá os preso.

INTERLOCUTOR: Era?

MARIA LUISA: Era. O preso que tava... Tinha muito preso né? Os preso de ota aldeia.

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Aí eles ficava lá, aí eles ficava lá, mas, só que ele num mexia cá gente não, ficava quitinho lá no quartel.

INTERLOCUTOR: Sei. E a senhora lembra de onde que era esses... Esses policiais índio?

MARIA LUISA: Ah num lembro não.

INTERLOCUTOR: De nome não?

MARIA LUISA: Sei que tinha daqui, tinha lá de Maxacalis, tinha.

INTERLOCUTOR: Tinha policial que era Krenak?

MARIA LUISA: Tinha.

INTERLOCUTOR: Mas, o nome dele a senhora lembra?

MARIA LUISA: Não.

INTERLOCUTOR: Eles já chegavam a policial, ou eles faziam formação assim lá?

MARIA LUISA: Eles ficava lá só no...

INTERLOCUTOR: É.

MARIA LUISA: Porque os preso... era pra vigiá eles né.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Ficava lá, mas, eis só vigiava eis lá né, vigiava nós não. Mas, num...
Vigiava pa nós num saí pa rua né, pa cidade lá, pa Carmésia.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Aí num dexava, aí cês tinha que ir pa pidi orde...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Tinha que tê orde pa ir e voltá, hora de ir e voltá.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: E como é que os Krenak alimentava lá, onde que dormia?

MARIA LUISA: Nas casa que tinha lá vazia, e tinha... Cada um tomava conta duma casa.

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Aí tinha que se virá né? Eu memo grávida da minha fia, eu caçava morro assim, eu ia cortá banana, pa vendê banana pa mim sustentá minha mãe e cinco irmão meu.

INTERLOCUTOR: E dava... Era difícil sustentar a família lá?

MARIA LUISA: Era difícil.

INTERLOCUTOR: É.

MARIA LUISA: Porque lá ó, lá tem muita água...

INTERLOCUTOR: hum, hum.

MARIA LUISA: Mais cê falar que... Que ocê pranta um arroiz, cê pranta, nun dá.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Peixe num tem, só se agora eis tem né, porque é represa né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Eles faz represa, mais peixe lá a gente pegava desse tamanzinho assim, e eu tinha que se virá, que os meus irmão era tudo pequeno...

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Minha mãe de idade, eu tinha que se virá, cortá banana mais meus irmão piquininin, ia num morro catá café lá no mato, pa vendê, trocá cum cumida, era. Pra num passá fome. Né, e ela falô: "Vamo imbora po Krenak minha fia."...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Falei intão vamo mãe

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA DA SILVA: Aí nós vei bora, aqui ainda tinha jeito de se virá, pegá tarrafa, aprendi jogá tarrafa, aprendi armá anzol, fazê rede, pegava peixe aí dava pa nós vivê..

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Aí dava pa nós vivê, eu pescava pa nós cumê, e pescava, levava na cidade pra vendê...

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Comprá as coisa, depois acabô, esse negócio do rio acabô, num pode nem mexê na água mais...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Tratei meus fio tudinho, eu tenho três fio, cuidei deis tudo cum peixe ali do rio ali...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: De noite, meia noite, uma hora eu tava chegano em casa cum peixe, pa limpá e guardá pa levá... Nem geladeira num tinha esse tempo ainda.

INTERLOCUTOR: Sim.

MARIA LUISA: Levantá cedo pa ir pa rua vendê. É difícil a vida da gente minina.

INTERLOCUTOR: Sim. Mas, a senhora conhece história da época do presídio aqui?

MARIA LUISA: Conheço não.

INTERLOCUTOR: É.

MARIA LUISA: O Zé Roque conhece.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Eu num conheço não.

INTERLOCUTOR: Hum.

INTERLOCUTOR: E quando a senhora saiu da fazenda e veio pra cá, além da senhora e a mãe da senhora, ti... Teve mais Krenak que veio junto?

MARIA LUISA: Teve uns que veio antes de nós.

INTERLOCUTOR: É?

MARIA LUISA: Hum, hum.

INTERLOCUTOR: E a senhora lembra de quem foi?

MARIA LUISA: A cumade Lorita, Manelão, o nêgo José Alfredo...

INTERLOCUTOR: hum, hum.

MARIA LUISA: Veio cá famia deis. Eis que veio primeiro do que nós.

INTERLOCUTOR: Sim. E quando a senhora chegou aqui, a senhora falou que tinha fazendeiro aqui...

MARIA LUISA: Tinha muito.

INTERLOCUTOR: E como é que era o trato do fazen... Dos fazendeiros com os índios que chegaram aqui?

MARIA LUISA: Eis era ingnorante cá gente, as lagoa a gente ia pescá de anzol, eis falaro que ia dá tiro ne nós...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: Que a gente num podia entrá na terra deis mais não, a gente tinha que se virá daqui ó, um pedacinho pra cá...

INTERLOCUTOR: Aham.

MARIA LUISA: Num tem a casa do Adauto?

INTERLOCUTOR: Onde, é perto de onde?

MARIA LUISA: Ali perto do centro cultural?

INTERLOCUTOR: Sei.

MARIA LUISA: É dali pra cá que era a terra que nós vivia...

INTERLOCUTOR: Ah era só daquela...

MARIA LUISA: É.

INTERLOCUTOR: Das coisa nova que tá sendo feito ali pra cá?

MARIA LUISA: É.

INTERLOCUTOR: Ah.

MARIA LUISA: Pra cá, pra lá nós num podia passá não.

INTERLOCUTOR: Ah tá.

MARIA LUISA: Era pequeno, eis brigava cá gente, falava que ia da tiro, matá nós.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

MARIA LUISA: A gente ficô até que Deus abençoô, saiu a terra pra nós.

INTERLOCUTOR: Hum.

INTERLOCUTOR: Tá certo?

INTERLOCUTOR: Dona Luisa brigado por conversar com a gente, a senhora desculpa chegar assim, sem hora...

INTERLOCUTOR: Sem avisar né.

INTERLOCUTOR: Né gente.

MARIA LUISA: Nada, eu vou ali fe... desligar a televisão pra nós ir lá.

INTERLOCUTOR: Se a senhora puder mostrar pra gente onde é Zezão, a gente agradece muito.

INTERLOCUTOR: E a senhora autoriza a gente usar, o que a gente gravou pra poder escrever sobre?

MARIA LUISA: Pode.

INTERLOCUTOR: Pode?

MARIA LUISA: Pode.

INTERLOCUTOR: Brigado.

INTERLOCUTOR: Brigado.

MARIA LUISA: Nada.